

AS TUMBAS CADÁVERES DE ALICE DE LA POLE E DE JOHN BARET: EXEMPLOS DE UMA CONSTRUÇÃO MEMORIAL.

Amanda Basilio Santos¹

Carla Rodrigues Gastaud²

Carlos Alberto Ávila dos Santos³

RESUMO: Este artigo se trata de um recorte da pesquisa em desenvolvimento no mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGM-UFPel), cujo objeto de análise é composto por onze tumbas do século XV pertencentes ao fenômeno artístico conhecido como tumbas transi ou tumbas cadáveres. Neste trabalho nos focaremos em apenas duas tumbas do nosso conjunto de fontes, a da Duquesa Alice de la Pole e do mercador John Done. Queremos aqui nos concentrar nos aspectos memoriais construídos por meio destes monumentos tumulares, principalmente analisando através do conceito de *Memoriabild*, tal como trabalhado por Caroline Horch.

Palavras-chave: Tumbas Transi; Medievo; Iconografia; Memoriabild.

ALICE DE LA POLE'S AND JOHN BARET'S CADAVER TOMBS: EXAMPLES OF A MEMORIAL CONSTRUCTION.

Abstract: This article deals with a research currently in development in the master's degree in Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGM-UFPel), which object of analysis is composed of eleven tombs of the fifteenth century belonging to the artistic phenomenon known as transi tombs or cadaver tombs. In this work, we will focus only in two tombs of our set of sources, that of the Duchess Alice de la Pole and the merchant John Done. We want here to focus on the memorial aspects built through these tomb monuments, mainly analyzing through the *Memoriabild* concept, as worked out by Caroline Horch.

Keywords: Transi Tombs; Middle Ages; Iconography; Memoriabild.

¹ Especialista em Artes (PPGA-UFPEL); Mestranda em História (PPGH-UFPEL); Mestranda em Memória Social e Patrimônio Cultural (PPGMP-UFPEL). Membro do LAPI (Laboratório de Política e Imagem da UFPEL). Bolsista CAPES. E-mail de contato: amanda_hatsh@yahoo.com.br.

² Mestre em História (UFPEL); Doutora em Educação (UFRGS). E-mail de contato: cgataud@terra.com.br.

³ Orientador. Doutor em Conservação e Restauro (UFBA), Mestre em História Teoria e Crítica da Arte. (UFRGS). E-mail de contato: betosant@terra.com.br.

INTRODUÇÃO

Nossa intenção nesta apresentação é discutir as questões concernentes a manutenção da identidade social e da memória destes indivíduos durante o medievo, analisadas através do estudo iconográfico das tumbas cadáveres ou tumbas transi⁴, concentrando-se nos elementos pictóricos de ambas as efigies, tanto as políticas, quanto as que trazem o indivíduo em estado de putrefação.

As Tumbas Cadáveres são parte integrante da produção do espaço urbano, ocupando um local de prestígio na disposição de sua malha, assim como no ambiente eclesiástico em que se encontram. A produção simbólica, vista através de seus elementos iconográficos, representa um importante momento histórico, assim como as escolhas efetuadas por um determinado grupo de pessoas para se colocarem diante da sociedade, estabelecendo relações e provocando reações. O espaço urbano é composto pela disputa de sujeitos e de suas respectivas memórias, conseguir preservar-se dentro deste espaço, através dos mais variados dispositivos, no caso desta pesquisa através da cultura material e artística, é parte de uma intenção de preservação de status e poder. A análise destes objetos, considerando-os como parte de uma disputa por visibilidade, nos auxilia a compreender a sociedade em que se deu sua produção:

Cada objeto encontrado, e o lugar que ocupa no conjunto, lembram-nos uma maneira de ser comum a muitos homens, e quando analisamos este conjunto, fixamos nossa atenção sobre cada uma de suas partes, é como se dissecássemos um pensamento onde se confundem as relações de uma certa quantidade de grupos (HALBWACHS, 1990, p. 132).

Halbwachs também destaca que quando um grupo se insere em um determinado meio este o molda de acordo com a sua imagem. Portanto não é apenas uma imagem individual, mas do indivíduo em relação ao seu grupo (HALBWACHS, 1990, p. 133).

As tumbas pertencem sempre a pessoas que possuem grande influência social, sejam clérigos ou nobres, havendo alguns exemplos raros de homens que possuem origem

⁴ Tumbas que possuem efigie recumbente que se encontra em leve ou avançado estado de decomposição. Embora nesta pesquisa sejam analisadas as tumbas inglesas, elas podem ser encontradas em bom número na França e na Itália, e em menor quantidade na Alemanha e nos países Baixos.

burguesa e são economicamente bem-sucedidos, sendo o caso de John Baret, um mercador de tecidos.

Devemos considerar o quão dispendioso seria a encomenda de tais tumbas, não apenas pelo local em que se encontram, pois elas são normalmente encontradas dentro de catedrais e algumas em igrejas paroquiais, mas elas também exigem um maior número de esculturas se formos considerar as de duplo nível, custando, portando, o dobro do preço de tumbas convencionais. O fato de tais tumbas serem alocadas no interior de edifícios religiosos denota o poder social e aquisitivo de tais indivíduos, pois eram espaços de exposição disputados.

Na Inglaterra há restante em torno de 150 exemplos, embora muitas tenham se perdido ou sido depredadas. O monumento mais antigo, preservado na Inglaterra, pode ser visto na Catedral de Lincoln, pertencente ao Bispo Richard Fleming, e o monumento mais moderno em solo inglês, nesta linha artística seria a tumba do poeta John Donne, construída no século XVII (KING, 1987).

As tumbas em questão são repletas de elementos alegóricos, demarcadores simbólicos do status social ocupado, e possuem, em geral, um epitáfio. Pretendemos analisar estas tumbas como um todo, e não privilegiar apenas a *gisant*⁵, mas sim efetuar uma análise do conjunto, permitindo um entendimento do alegórico ao social, deste modo nos afastando de tendências de estudos clássicos, que se focam em partes das composições tumulares em detrimento de outras (HOLLADAY, 2003).

MEMÓRIA LITÚRGICA E MEMORIABILD

A memória no medievo possui um estatuto próprio que difere das discussões traçadas nos parâmetros atuais, e muito do modo como os medievais (em um sentido generalizante) foram entendidos nos tempos modernos deriva de uma falta de compreensão da complexidade de pensamento do período. A memória era vista e utilizada

⁵ Segundo a Encyclopaedia Britannica: “Gisant (French: 'reclining'): in sepulchral sculpture, a recumbent effigy representing the person dying or in death. The typical gisant depicts the deceased in 'eternal repose', awaiting the resurrection in prayer or holding attributes of office and clothed in the formal attire of his social class or office.” Disponível em: <<http://global.britannica.com/art/gisant>>, acessado em 27 de agosto de 2016.

em diferentes vieses, de modo que não há um consenso entre os estudiosos sobre o próprio conceito:

The subject of memory provides a fitting topic for an interdisciplinary enquiry into medieval cultural history in the widest sense. Memory is, on the one hand, related in a close and intricate way to history and the past in general. On the other hand, *mnemosyne* was considered the mother of the Muses by the Ancients, and is thus often perceived in connection with arts and literature. Finally, memory can pertain specifically to memorization, that is, storing and recuperating knowledge, which was an important part of medieval education and culture⁶ (DOLEŽALOVÁ; VISI, 2010: p.1).

Jacques Le Goff destaca em seu livro *História e Memória* a situação específica da sociedade medieval, cuja memória encontra-se dividida entre a oralidade e a escrita, em um modelo proposto por Leroi-Gourhan⁷ (LE GOFF, 1990). Todavia, destacamos o importante papel dos meios iconográficos e materiais para construção e manutenção memorial neste período.

Le Goff nos traz apontamentos gerais sobre os aspectos que a memória adquire durante o medievo que são importantes para sua compreensão:

Cristianização da memória e da mnemotecnica, repartição da memória coletiva entre uma memória litúrgica girando em torno de si mesma e uma memória laica de fraca penetração cronológica, desenvolvimento da memória dos mortos, principalmente dos santos, papel da memória no ensino que articula o oral e o escrito, aparecimento enfim de tratados de memória (*artes memoriae*), tais são os traços mais característicos das metamorfoses da memória na Idade Média (LE GOFF, 1990: p. 443).

Neste contexto, a lembrança se apresenta enquanto uma tarefa religiosa que é imprescindível. É necessário recordar dos atos divinos, desde os benevolentes aos coléricos, é fundamental a lembrança da vida e dos exemplos dos santos, e com o Novo

⁶ Tradução da Autora: “O tema da memória fornece um tópico adequado para uma investigação interdisciplinar na história cultural medieval no sentido mais amplo. A memória é, por um lado, relacionada de forma estreita e intrincada com a história e o passado em geral. Por outro lado, *mnemosyne* foi considerada a mãe das Musas pelos antigos, e é, portanto, muitas vezes vista em conexão com as artes e a literatura. Finalmente, a memória pode referir-se especificamente à memorização, ou seja, armazenar e recuperar o conhecimento, que era uma parte importante da educação e da cultura medieval”

⁷ Leroi-Gourhan divide a história da memória em cinco etapas básicas: a memória que é transmitida por via oral, a que é passada através de tábuas ou índices, as fichas simples, passando ao meio da mecanografia e enfim a serialização eletrônica (LE GOFF, 1990, p. 427).

Testamento, a memória construída em torno de Jesus Cristo, e a redenção humana diante de um sofrimento que deve ser sempre lembrado, e desta forma, mantido vivo.

Embora a memória institucional se consagre através da lembrança de Cristo, da teologia, dos marcos religiosos, e seja praticada nas datas determinadas a relembrar tais acontecimentos e personagens, no mundo popular, a memória “cristalizou-se sobretudo nos santos e nos mortos” (LE GOFF, 1990: p. 446). Os mortos são centrais na memória social medieval, e aqueles cuja memória é nutrida estão nos centros das igrejas através de seus monumentos tumulares e registrados nos *libri memoriales*⁸. Esta lembrança feita através do registro nos *libri*, anda de mãos dadas ao esquecimento imposto aqueles considerados indignos, pois a excomunhão é aliada desta *damnatio memoriae*.

Os diversos aparatos memórias, sejam os *libri memoriales* ou os elementos tumulares, criam uma comunidade, onde ritos são mantidos para o bem-estar tanto dos que estão no plano terreno, como dos falecidos:

Die Kommemoration lebender und verstorbener Personen, verbunden mit Gebet, mit Fürbitte und Interzession für diese, war ein Element der Liturgie seit ältesten Zeiten, für das Christentum begründet in Anweisungen der Schriften des Neuen Testaments und entfaltet unter Anknüpfung an die älteren jüdischen Formen der Fürbitte. In der christlichen Liturgie begegnet Fürbitte im Wortgottesdienst, in der sogenannten oratio fidelium, und vor allem in der eigentlichen Mahlfeier, hier insbesondere in Gestalt der Memento-Gebete für Lebende und Tote⁹ (OEXLE, 1976: p. 71)

Neste sentido, as tumbas possuem um forte papel memorial, e mais além, as tumbas cadáveres possuem uma dupla instância memorial: ao mesmo tempo em que servem à memória do falecido representado em sua *gisant*, ao mesmo tempo ela serve aos vivos como um apelo à memória da mortalidade. É assim, a lembrança dos que se foram e a lembrança da morte para aqueles que ficam. Elas são memorização do passado (através

⁸ Livros das paróquias nos quais constam os nomes daqueles sujeitos considerados importantes e dignos, que tinham uma dupla função: manter a memória destes falecidos e dedicar-lhes orações, auxiliando a passagem pelo Purgatório e a chegada aos Céus.

⁹ Tradução da Autora: “A comemoração de pessoas vivas e falecidas, ligadas à oração, com intercessão e por elas, foi para o cristianismo um elemento da liturgia desde os tempos mais antigos, baseado em instruções das Escrituras do Novo Testamento e desenvolvido com referência às antigas formas de intercessão judaicas. Na liturgia cristã, a intercessão ocorre no serviço de adoração de palavras, no chamado oratio fidelium, e sobretudo nas próprias comemorações, aqui na forma das orações pelos vivos e pelos mortos”.

do falecido) e memorização do tempo presente e do futuro inevitável (através do apelo aos vivos, lembrando-os de sua transitoriedade).

Deste modo, salientamos o fato destas tumbas serem sempre atuais, pois por mais que elas sejam parte da manutenção da memória dos mortos representados, elas estão sempre atuando sobre os vivos que as contemplam, pois pretendem comunicar e lembrar a condição humana, e a mortalidade é um atributo atemporal.

Esta dupla instância memorial deve ser problematizada, e argumentamos que as tumbas cadáveres são veículos de comunicação e manutenção dos que se foram com aqueles que os contemplam. O apelo, feito através da dramaticidade visual e da humildade e fragilidade expostas através da efígie cadavérica, permite a empatia do expectador, cumprindo parte dos objetivos destes elementos tumulares que necessitam angariar rezas para a alma do falecido. Deste modo, há a manutenção da memória do falecido, a ativação da memória dos observadores de sua própria fragilidade e estado de igualdade ao morto, e, por fim, a comunicação através do apelo dramático, que deve gerar a reação de oração e contemplação. Assim sendo, as tumbas cadáveres são patrimônios ativos dentro dos espaços que ocupam.

Para tanto, nos apoiamos no conceito de imagem memorial (*Memorialbild*) de Horch que define que para que se constitua em tal deve cumprir quatro funções: estabelecer uma comunidade entre os vivos e os mortos; indicar a presença do morto na sociedade; lembrar dos deveres recíprocos entre os vivos e os mortos; garantir que se dê a performance de tais deveres no futuro (HORCH, 2001: p.15).

Tais deveres e trocas estabelecidas entre os vivos e os mortos era alimentados pela materialidade das construções fúnebres, sendo esta a razão principal para o erguimento de tais monumentos:

In the Middle Ages the setting up of monuments was prompted not so much by the affairs of this world as by of the world to come. Monuments had their setting in the context of medieval Catholic theology, specifically the doctrine of Purgatory, which held that the soul had to be refined or purified before it could enter heaven. Medieval man

believed that the refining process could be speeded by the offer of prayers by the living faithful¹⁰ (BADHAM, 2014: p. 15).

A escultura funerária entre neste cenário como uma ferramenta fundamental na luta travada pelo destino das almas dos falecidos, para o qual os vivos tinham um papel central a cumprir, mantendo seus laços comunitários com aqueles que se encontram mortos.

Este conceito de Horch aproximamos do conceito talhado por Candau, de sócio-transmissores, que é definido enquanto “todas as produções e comportamentos humanos que estabelecem uma cadeia causal cognitiva social ou cultural entre pelo menos duas mentes-cérebro [...] Vários objetos desempenham um papel fundamental na sócio-transmissão” (CANDAU, 2009: p. 8). Candau também salienta sobre os sócio-transmissores:

Pocos objetos patrimoniales responden tan bien a su vocación de memoria como los lugares importantes, los monumentos y las estatuas. Los ‘difusores’ de la memoria por excelencia son los monumentos a los muertos, las necrópolis, los osarios, etc. y, de manera más general, todos los monumentos funerarios que son el soporte de una fuerte memoria afectiva¹¹ (CANDAU, 2002: p. 92-93).

Esta afetividade é ampliada através do macabro e da conexão estabelecida entre a condição do memorado e dos vivos que o contemplam. Embora haja o aspecto de reflexão que as tumbas intencionam para o observador, sobre a sua própria existência, elas também são monumentos que trazem uma narrativa memorial, construído em muitos casos com clara linearidade biográfica, que pode ser analisada através da heráldica, onde são selecionados aspectos de prestígio de sua vida, e no próprio epitáfio ele se apresenta para àqueles capazes de ler, marcando sua morte, mas também uma memória pessoal.

¹⁰ Tradução da Autora: “Na Idade Média, a criação de monumentos foi motivada não tanto pelos assuntos deste mundo quanto pelos do mundo vindouro. Os monumentos tinham sua configuração no contexto da teologia católica medieval, especificamente na doutrina do Purgatório, que sustentava que a alma precisava ser refinada ou purificada antes que pudesse entrar no céu. O homem medieval acreditava que o processo de refinação poderia ser acelerado pela oferta de orações pelos fiéis vivos”.

¹¹ Tradução da Autora: “Poucos objetos patrimoniais respondem tão bem a sua vocação memorial como os lugares importantes, os monumentos e as estátuas. Os transmissores de memória por excelência são os monumentos aos mortos, as necrópoles, os ossuários, etc. e, de maneira mais geral, todos os monumentos funerários são suportes de uma forte memória afetiva.”

TUMBAS DE ALICE DE LA POLE E JOHN BARET.

John Baret não era um clérigo nem um nobre, porém, seu corpo e monumento funerário (*Figura 1*) encontram-se no interior de uma igreja. Isso se deve à crescente influência que os mercadores estavam obtendo na Inglaterra durante o século XV. Sobre Baret e a classe mercante:

Was in fact one of those wealthy merchants and lawyers instead of old nobility. Lay-confraternity status conferred by monastic houses like St. Edmund's forged alliances with the merchant classes that are significant in assessing the context of late medieval culture as the evidence revealing their competition for influence. And such alliances suggest that the saturation of worldly life by religious thought and imagery in the 15th century can to some extent be explained by the fact of direct reciprocal influence of monastery and laity.¹² (GIBSON, 1989, p. 73)



Figura 1: Tumba transi de John Baret. Fonte: <https://www.flickr.com>, autor Tudor Barlow. Acessado em 4 de setembro de 2016.

¹² Tradução da Autora: Era de fato um daqueles comerciantes e advogados ricos em vez da velha nobreza. O status de confraternidade de leigos conferido por casas monásticas como a de St. Edmund através de alianças forjadas com as classes mercantes que são significativas na avaliação do contexto da cultura medieval tardia como evidência que revela a competição por influência. E essas alianças sugerem que a saturação da vida mundana pelo pensamento e imagens religiosas no século XV pode, em certa medida, ser explicada pelo fato da influência recíproca direta do mosteiro e dos leigos

Baret faleceu em 1467, mas decisões quanto à sua tumba foram registrados em seu testamento em 1463. Neste longo documento (praticamente trinta páginas), John nos deixa claro as razões do alcance de sua influência, para que seu monumento funerário seja encontrado onde está. Ele deixa diversas orientações para obras que devem ser realizadas para ampliação e melhorias e manutenções da igreja de sua cidade natal. Em troca, no seu testamento, ele salienta a importância de seu nome ser lembrado e de missas serem realizadas pela sua alma (GIBSON, 1989). Temos assim um acordo a ser mantido entre os vivos e os mortos.

Ao contrário de muitas tumbas transi, a de John não nos apresenta uma escultura superior com seus atributos terrenos, apenas uma grande figura cadavérica (*Figura 2*). Em conjunto com esta cena lamentável de seu estado, há as palavras escritas “He that wil sadly beholde me with his ie, May se hys owyn merowr (and) lerne for to die”¹³. Há, portanto, uma construção da memória de si mesmo através desta escultura, ao mesmo tempo há uma tentativa de comunicação e associação com aqueles que estão a olhar a sua tumba e presenciar a triste realidade de sua morte.



Figura 2: Tumba transi de John Baret. Fonte: <https://www.flickr.com>, autor John Ibbotson. Acessado em 5 de março de 2017.

¹³ Tradução da Autora: “Aquele que infelizmente me ver com seus olhos, possa ver seu próprio espelho, e assim aprender como morrer”.

Embora haja uma narrativa de humildade, através do corpo cadavérico, desprovido de qualquer atributo de sua bem-sucedida vida terrena, na base que guarda seu corpo físico, temos uma escultura de John (*Figura 3*) nas suas melhores roupas, lembrando seu ofício, assim como o mais importante bem de status adquirido durante sua vida, o *Collar of Esses*¹⁴ que está usando em seu pescoço. Esta pequena escultura segura uma faixa e se apresenta aquele que a vislumbra: “*Me*”, segura em sua frente. De forma tão simples, esta escultura distancia John de seu cadáver decadente e mostra quem seria verdadeiramente o esculpido em sua vida terrena, uma visão muito distante da sua escultura decadente.



Figura 3: Detalhe da Tumba transi de John Baret. **Fonte:** <https://www.flickr.com>, autor Granpic. Acessado em 4 de setembro de 2016.

Pouco se sabe em detalhes da vida de John além do que foi escrito em seu testamento, porém, de Alice se tem muito mais documentação a respeito. Alice Chaucer era neta do famoso poeta Geoffrey Chaucer, única filha e herdeira de Thomas Chaucer, notável soldado, sendo por quase trinta anos “*Chief Butler of England*”¹⁵ e de Maud

¹⁴ Homenagem concedida pelo monarca da Inglaterra, principalmente pelos Lancaster, que trazia distinção aqueles que a recebiam, como sendo de importante valia ao rei. O *Collar of Esses* nunca saiu de uso, desde sua implementação no século XIV, embora sua forma tenha se modificado através do tempo.

¹⁵ Cargo associado a herdade de Kenninghall em Norfolk. Previa a prestação de serviços ao monarca no evento de sua coroação, serviço de *Princera Regis* ou *Chief Butler* no banquete oficial.

Burghersh, que ao casar-se com Thomas lhe conferiu notáveis propriedades, incluindo a herdade de Ewelme. Alice nasceu, provavelmente, no ano de 1404¹⁶, na casa senhorial em Ewelme, em Oxfordshire. Como muitas mulheres do período medieval, por muito tempo as informações sobre ela foram escassas e os pesquisadores pouco nos traziam sobre ela, aparecendo apenas em algumas notas, ou como figura secundária:

Although earlier scholarship has afforded us only brief glimpses, in recent years Alice Chaucer has emerged as a notable figure in her own right, a capable administrator and landholder who played an influential role in contemporary English politics, and the owner of a significant library¹⁷. (JAMBECK, 1998, p.107)

Sobre a biografia de Alice, podemos destacar que logo no fim de sua infância, as boas conexões políticas estabelecidas por seu pai, como presidente (*Speaker of the Commons*) na *House of Commons*, fez com que, com apenas dez anos, Alice se casasse pela primeira vez, em outubro de 1414. Seu casamento se deu com Sir John Phelip¹⁸, um cavaleiro quase vinte e cinco anos mais velho do que ela, tornando-a sua terceira esposa. Apenas um ano após sua união com John, este falece no cerco de Harfleur, deixando-a viúva e com a herança¹⁹ provinda de seu breve casamento (ANDERSON, 1945).

Sendo tão jovem e já viúva, naturalmente deveria casar-se novamente. Assim o fez possivelmente em 1421 ou 1424. Desta vez a aliança era ainda mais impressionante do que a primeira, casando-se com Thomas Montagu, Conde de Salisbury, viúvo, assim como ela. Seu segundo marido era um experiente comandante inglês que residia na França, local onde Alice passou boa parte do seu segundo casamento. Thomas, assim como John, encontrou seu fim em um cerco, desta vez em 3 de novembro de 1428, em

¹⁶ O ano de seu nascimento é aproximado através de dados constantes na documentação *Chancery Inquisitions Post Mortem*, Henry VI, File 70, No. 35., citado por Anderson (1945, p. 24). Outras menções que comprovam seus laços familiares podem ser encontradas em diversos documentos de recebimento de propriedades e heranças.

¹⁷ Tradução da Autora: “Embora estudos anteriores, tenham nos proporcionado apenas breves vislumbres, nos últimos anos, Alice Chaucer surgiu como uma figura notável em seu próprio direito, uma administradora capaz e dona de terras que desempenhou um papel influente na política inglesa contemporânea, e a proprietária de uma biblioteca significativa”

¹⁸ Phelip era descendente de uma influente família em Suffolk. Maiores informações, consultar: <http://www.historyofparliamentonline.org/volume/1386-1421/member/phelip-sir-john-1415>, acessado pela última vez em 10 de fevereiro de 2017.

¹⁹ Cogita-se que a herança recebida por Alice tenha sido bastante farta, levando-se em consideração que em diferentes ocasiões Phelip tenha emprestado dinheiro ao Rei Henry V. Além de valores monetários, ela também herdou terras e propriedades, sendo o principal o feudo de Donnington, em Berkshire.

Orleans, por conta de um ferimento causado por um tiro de canhão, que arruinou boa parte de seu rosto, e o levou à morte em poucos dias. Alice encontrava-se viúva mais uma vez, desta vez com o título de Condessa de Suffolk, saindo de mais um casamento sem filhos, mas que lhe gerou uma grande herança²⁰:

The principal manors mentioned are Stokenham and Yalhampton in Devonshire, Chedesey, Donyate, Jerlyngton, Gothulle and Knolle in Somersetshire, and Newton Mountagu in Dorsetshire, all of which, since she held them jointly with the Earl at the time of his death, were granted to her for life.²¹ (ANDERSON, 1945, p. 29)

Em seu testamento Thomas escolhe como local de sepultamento a capela em uma igreja em Bustlesham, ao lado de sua primeira esposa, Lady Alianore, mas ressalta que, caso Alice assim deseje, deverá ser sepultado ao seu lado também. Como veremos adiante, os planos de Alice para seu sepultamento se afastaram muito da proposta de Montagu.

Em novembro de 1430, é concedido à Alice uma licença real para que se case mais uma vez, sendo este casamento concretizado em 21 de maio de 1432. Seu novo casamento foi com William de La Pole, na época de seu casamento, 4º Earl de Suffolk, sendo este a mais notável de suas uniões. William assumira o comando das tropas de Thomas na França, substituindo-o. Este possui um longo histórico relacionado à política inglesa, tendo passado a maior parte de sua vida adulta envolvidos em conflitos na França, tendo, inclusive, sido feito prisioneiro por Joana D'Arc em Jargeau, em 1429, sendo liberto em 1430.

Conforme seu novo marido crescia em influência na corte inglesa, também o fazia Alice. No ano de 1432, ela é nomeada Lady da *Most Noble Order of the Garter*²², a mais importante comenda do sistema honorífico inglês, sendo esta a mais antiga Ordem de Cavalaria da Inglaterra. Sua presença na corte continua ascendente:

²⁰ A herança de Thomas foi dividida entre Alice e sua filha, fruto de seu primeiro casamento.

²¹ Tradução da Autora: “As mansões principais mencionadas são Stokenham e Yalhampton em Devonshire, Chedesey, Donyate, Jerlyngton, Gothulle e Knolle em Somersetshire, e Newton Mountagu em Dorsetshire, todas que, desde que se uniu junto ao Earl, na altura de sua morte, foram concedidos a ela para toda a sua vida”.

²² Conhecida em português como Ordem da Jarreteira, foi criada por Edward III em 1348, sendo a mais importante Ordem de Cavalaria medieval. Possui um grupo muito seleto de membros, que inclui o Rei, o Príncipe, e não mais do que em torno de 20 membros da nobreza.

In the autumn of 1444, she accompanied her husband to France to escort Henry VI's bride, Margaret of Anjou, to England. When Margaret, traveling through English-occupied France, fell ill in March 1445, Alice, dressed in the queen's robes, took her place in the ceremonial entry into Rouen. By this time, Alice was the Marchioness of Suffolk, as William had been made a marquis on September 14, 1444, for his role in arranging the king's French marriage.²³ (HIGGINBOTHAM, 2013, ONLINE)

No ano de 1448, William é feito Duque, e Alice torna-se a Duquesa de Suffolk. Porém, toda esta ascensão fora posta em perigo pouco tempo após o ducado. William fora acusado pelos *Commons* de traição, com acusações que o imputavam de estar associado com a França em tramas contra à Coroa, com intenção de levar o próprio filho ao trono da Inglaterra. Por conta destas acusações ele acaba aprisionado na Torre de Londres em 1450. O próprio rei, Henry VI, o envia para o exílio. Porém, sua embarcação é interceptada no estreito de Dover, sendo obrigado a abandonar sua embarcação e sendo condenado a morte no navio chamado de Nicholas of the Tower. Ele teve a noite para se preparar para sua execução, acompanhado por um padre. Na manhã seguinte, dia 2 de maio de 1450, William é levado a uma pequena embarcação e decapitado com seis golpes de uma espada enferrujada, e seu corpo é jogado na água (HIGGINBOTHAM, 2013). Após a morte de William, Alice não volta a se casar, e assume um voto de castidade, que pode ter sido motivado pelo afeto que ela tinha por William, ou para evitar casamentos políticos que lhe tirassem a independência.

Mais uma vez, Alice é feita viúva. Ela não acompanhara o marido, pois manteve-se na Inglaterra administrando os domínios de ambos, acompanhada pelo seu único filho, nascido em 1442, John de la Pole. Com a morte de seu marido e um número considerável de inimigos, Alice teve anos difíceis pela frente. Durante a rebelião conhecida como Jack Cade's Rebellion²⁴, Alice era um dos grandes alvos dos rebeldes. Na invasão rebelde de

²³ Tradução da Autora: “No outono de 1444, ela acompanhou seu marido à França para escoltar a noiva de Henrique VI, Margaret de Anjou, para a Inglaterra. Quando Margaret, viajando pela França ocupada pelos ingleses, adoeceu em março de 1445, Alice, vestida com as vestes da rainha, tomou seu lugar na entrada cerimonial em Rouen. Por esta altura, Alice era a Marquesa de Suffolk, como William tinha sido feito um marquês em 14 de setembro de 1444, por seu papel na organização do casamento francês do rei”.

²⁴ Esta revolta popular teve como origens inquietações locais contra corrupção e abuso de poder tanto do Rei Henry VI, quanto de seus aliados. Parte das queixas repousavam nas dívidas obtidas através de anos de guerra contra a França, e a recente perda das terras inglesas na Normandia, prejudicando parte considerável de nobres.

Londres em 1450, entre os nomes da lista de possíveis traidores fornecidas aos revoltosos que fora obtida em audiência pública, constava o nome da duquesa. A consequência desta acusação não é sabida.

Mesmo com a revolta contida, e Alice a salvo das acusações durante ela feita, novamente seu nome aparece: desta vez em novembro de 1450 em uma petição feita pelos *Commons*, na qual era listado uma série de nome de pessoas que deveriam ser impedidas de chegar até a presença do Rei... o nome de Alice era o segundo na lista. O Rei rejeitou a petição e Alice manteve seu contato com a Coroa, inclusive através de um substancial empréstimo por ela concedido de 3,500 marcos para patrocinar os esforços ingleses contra a França (HIGGINBOTHAM, 2013).

Em 1451 seus problemas com as acusações de traição retornam, e ela acaba sendo julgada, possivelmente respondendo às queixas contra ela levantadas em 1450. O desenrolar de seu julgamento não é sabido, o que possivelmente deve-se ao fato dos acusados envolvidos no julgamento terem sido absolvidos (WATTS, 2011).

Após a crise enfrentada por Alice após o falecimento de seu marido em circunstâncias agravantes, ela assegura sua posição e retoma sua estabilidade. Seus laços com a Coroa se mantiveram, de modo que em 1455 foi confiada um prisioneiro do Estado, fruto de sua ocupação como oficial de Wallingford Castle, que ocupava juntamente com seu filho. Ela se provou como uma hábil administradora, coordenando um número de herdades que se aproximava do Duque de York, considerado um dos homens mais ricos do reino em extensão de propriedades. Além de exercer o controle sobre diversas propriedades, ela litigava sobre questões legais em casos de disputas de terras, e na supervisão de receitas e de domínios (JAMBECK, 1998).

Conforme a pressão aumentava entre as casas nobiliárquicas de York e Lancaster, em um conflito conhecido pela historiografia, como Guerra das Rosas, Alice teve de tomar decisões importantes com relação ao destino de sua família. Como decisão ela manteve a guarda de seu filho e a decisão de seu casamento, em um período onde alianças conjugais estavam em um período definitivo. Em 1458, enfim, ela decide casá-lo com Elizabeth of York, o que se provou uma escolha sábia, já que em 1461 um dos filhos de York, Edward IV tornou-se rei.

During her long widowhood, Alice proved herself to be adept at looking after her and her son's interests—even predatory. Singly or with her son, she seized the manors of Cotton, Dedham, Hellesdon, and Drayton from the Paston family, despite a claim to them that was dubious or nonexistent. Such actions do not show the duchess in an attractive light, but any sign of weakness would have left her vulnerable to the machinations of others²⁵. (HIGGINBOTHAM, 2013, ONLINE)

Além da vida política, Alice também fez substanciais doações de livros para a Universidade de Oxford, pois ela possuía uma biblioteca prestigiosa, sendo ela uma verdadeira bibliófila. Também fez doações para várias construções, como a escola de Teologia de Oxford, para o erguimento da Torre da Igreja de Eye. Porém, a construção mais prestigiosa ela ergueu juntamente com seu marido William: *God's House*²⁶ em Ewelme, inaugurada em 1437, era uma grande fundação de caridade, incluindo uma escola (GOODALL, 2001).

No dia 10 de maio do ano de 1475, já uma septuagenária, Alice veio a falecer. O seu testamento não sobreviveu, de modo que não sabemos suas especificações para as ações a serem tomadas após sua morte. Porém, é muito provável que a tumba de Alice tenha sido definida muitos anos antes em seu testamento, e feito sob sua encomenda.

A tumba de Alice foi construída no século XV, em pedra de alabastro, e encontra-se na Igreja de St. Mary, the Virgin, em Ewelme²⁷, Oxfordshire. Tal igreja deve muito de sua apresentação atual a Alice e ao seu pai, Thomas Chaucer. Alice ampliou as obras iniciadas por seu pai, adicionando uma capela para o altar, concomitantemente à construção do *Ewelme Trust*.

²⁵ Tradução da Autora: “Durante sua longa viuvez, Alice provou ser apta a cuidar dela e dos interesses de seu filho - até mesmo os predatórios. Sozinha ou com seu filho, ela apreendeu as mansões de Cotton, Dedham, Hellesdon, e Drayton da família de Paston, apesar de uma reivindicação a eles que era duvidosa ou inexistente. Essas ações não mostram a duquesa em uma luz atraente, mas qualquer sinal de fraqueza a teria deixado vulnerável às maquinações dos outros”.

²⁶ A instituição funciona atualmente, servindo aos propósitos originais, sob o nome de *The Ewelme Almshouse Charity* (também conhecida como *Ewelme Trust*). Para maiores informações sobre esta instituição caritativa, acesse: <http://www.ewelmealmshousecharity.org/index.html>, acessado pela última vez em 12 de fevereiro de 2017.

²⁷ Maiores informações sobre a igreja podem ser obtidas através do site do link: <http://www.friendsofewelmechurch.co.uk/history/a-brief-introduction/>, acessado pela última vez em 10 de fevereiro de 2017.

Sua tumba possui um grande dossel, do qual saem quatro pináculos, com um anjo esculpido em madeira em cada ponta, uma efigie superior com Alice coroada como Duquesa, e outra inferior, que exhibe o corpo de Alice em avançada decomposição (Figura 4). Podemos ver a efigie superior da duquesa, que repousa sobre o corpo de fato da mesma, rodeado por anjos que seguram em mãos os brasões de seus antepassados e de suas conquistas e destaques. Logo abaixo de seu cadáver físico, encontramos sua estatuária



Figura 4: Tumba transi de Alice de la Pole. **Fonte:** <https://www.flickr.com>. Acessado em 5 de março de 2017.

cadavérica, de modo que seu corpo verdadeiro faz a separação entre a efigie política e a escultura macabra de Alice. Entre a escultura superior e o corpo de Alice, podemos ler seu epitáfio, que traz as seguintes palavras:

*Orate pro anima serenissima principissae Aliciae Suffolckiae, huius Ecclesiae patrone,
et primae fundatricis huius Eleemosinariae²⁸, quae obiit 10 die mensis Maii, anno
Domini 1475²⁹.*

O corpo político de Alice, em sua tumba visto através da efigie superior (Figura 5), nos traz a duquesa com sua estonteante coroa, com um imenso dossel ornado que

²⁸ Instituição de caridade, local no qual esmolas são distribuídas para os necessitados. Sua função é a de estender as bênçãos apostólicas em nome do Papa.

²⁹ Tradução da Autora: “Orai vós pela vida de uma serena princesa, Alice de Suffolk, patrona desta igreja, e a primeira fundadora da Elemosineria, que faleceu no dia 10 de maio do ano do Senhor de 1475”.

protege sua cabeça, que contrasta com seus trajes simples, uma indumentária de freira, que remete ao seu voto de castidade, feito após a morte de William.

Abaixo de sua cabeça há um travesseiro apoiado de cada lado por dois anjos alados. Na faixa azul que vemos na imagem abaixo é onde consta o seu epitáfio. Suas mãos estão unidas em uma reza, sua cintura traz um terço, em sua mão direita vemos uma aliança que originalmente era pintada de ouro, e em seu braço esquerdo temos o emblema do *Order of the Garter* (não visível na figura abaixo), este está enrolado em seu pulso, semelhante a uma pulseira. Aos pés de Alice há um leão, algo incomum de se encontrar aos pés de uma mulher, mas que era o símbolo da heráldica dos de La Pole.



Figura 5: Corpo político de Alice de La Pole. **Autor:** Aidan McRae Thomson. **Fonte:** <https://flic.kr/p/8LVY6C>, acessado pela última vez em 13 de fevereiro de 2017.

Atualmente a cor natural do alabastro é dominante na sua tumba, mas temos de pensar que originalmente toda a tumba era colorida, semelhantemente ao que temos nos anjos que exibem os brasões, mesmo que obviamente, a maior parte da pigmentação atual seja oriunda de variados processos de intervenção restaurativas.

Em ambos os lados vemos um total de oito anjos que seguram os brasões familiares³⁰ (*Figura 6*), nos apresentando de certo modo o local ocupado no mundo por Alice e as alianças familiares que foram importantes para que ela chegasse ao ducado. Os brasões possuem um importante papel memorial, salientando os feitos familiares e pessoais, afirmando socialmente a condição do falecido.



Figura 6: Detalhe do lado esquerdo da tumba de Alice de La Pole. **Autor:** Jacquemart. **Fonte:** <https://flic.kr/p/xJBZsr>, acessado pela última vez em 12 de fevereiro de 2017.

Seguindo a estética da tumba, cada um dos anjos também é coroado com um dossel, no mesmo estilo que a efigie superior de Alice. Os brasões fazem menção a união familiar, principalmente destacando a heráldica dos Burghersh, linhagem familiar da mãe de Alice, as três rodas dourada de Chaucer e dos La Pole, repetindo na verdade, muitos dos símbolos heráldicos que são encontrados na tumba de sua família, que também está alocada na igreja, havendo duplicações das heráldicas (LAMBORN, 1940).

De forma simbólica, são estes anjos que carregam sua história que cercam o seu corpo físico e o guardam. Esta área de sua tumba é um modo visual de contar sua trajetória, através da seleção das conexões familiares, traçando uma lógica linear da vida de Alice. Sua tumba, que nos lembra de sua morte, por meio da efigie inferior que a explicita, também é um monumento à sua vida, e como vimos anteriormente, sua vida política e pública fora extremamente ativa, principalmente por ter sido uma mulher que administrou por tempo considerável o destino de sua família e seus domínios.

Mas talvez o ponto mais interessante de sua tumba, seja exatamente o mais discreto. De modo muito recatado, temos uma segunda escultura, disfarçada por

³⁰ Neste artigo não nos dedicaremos a elencar e identificar cada um dos símbolos heráldicos, pois este trabalho já foi feito e pode ser lido no artigo de Greening Lamborn (1940).

elementos que lembram uma teia de uma igreja, que acomoda a efígie cadavérica de Alice (*Figura 7*). Tal escultura nos apresenta um corpo com a boca aberta, como a deixar escapar um último suspiro de vida, embora seja um cadáver este não apresenta elementos grotescos da decomposição, como vermes ou líquidos corpóreos, apenas sendo a representação de um cadáver ressequido. Seu cadáver está acima de uma túnica funerária, aberta, mas que não exhibe totalmente seu cadáver pois a mão de Alice impede que este se abra totalmente.



Figura 7: Efígie cadavérica de Alice. **Autor:** Simon Cope. **Fonte:** <https://flic.kr/p/eeTGNY>, acessado pela última vez em 16 de fevereiro de 2017.

Ainda neste nível inferior temos uma importante pintura parietal, que nos auxilia a questionar a finalidade didática atribuída tradicionalmente à iconografia medieval.

Em 600 d.C. O Papa Gregório Magno escreveu uma carta³¹ ao Bispo Sereno de Marselha que influenciou profundamente a ideia da função da arte medieval que temos até os dias atuais. Nesta carta ele destaca a função didática do uso das imagens, permitindo à massa de iletrados compreender a doutrina, ensinando-os através de imagens o que eles não podem ler³². Embora na própria carta ele destaque outras funções para a imagem - elas servem de lembrança dos dogmas, e possuem um poder sobre os fiéis, pois cumprem um papel de sensibilização destes e fazem com que eles se arrependam de seus pecados - o papel didático acabou se sobrepondo aos outros, na literatura, colocando a iconografia

³¹ GREGORIO MAGNO, *Epistulae ad Serenus*, XI, 13, (Patrologia Latina 77, col. 1128-1130).

³² “A pintura é usada nas igrejas, para que as pessoas analfabetas possam ler, pelo menos nas paredes, aquilo que não são capazes de ler nos livros” (Epistulae, IX, 209: CCL 140A, 1714).

medieval como a bíblia dos iletrados (SCHMITT, 2006). Na historiografia esta visão foi propagada pela obra de Émile Mâle³³.

No entanto, se a função fosse puramente ensinar a doutrina aos fiéis não haveria necessidade da abundância de imagens circunscritas nos coros e na abside das igrejas, locais de acesso restrito do clero, que na sua massiva maioria era letrado, ou mesmo imagens que não estão à disposição do expectador, ou no caso particular da tumba de Alice, uma imagem que não é feita para ninguém além da sua escultura cadavérica admirar (*Figura 8*).



Figura 8: Pintura na tumba de Alice de la Pole. **Autor:** RichardR. **Fonte:** <https://www.flickr.com/>, acessado pela última vez em 30 de maio de 2016.

Seu cadáver, embora nos lembre da agonia da morte, e esteja aprisionado neste estado, ao olhar diretamente para cima vê esta pintura apenas sua, a cena da Anunciação, para lhe auxiliar a superar a agonia da morte, esta pintura não possui propósito didático algum, ela se presta ao conforto da alma de Alice.

Finalizando, podemos dizer que a tumba de Alice serve a variados fins: cria uma rede de conexão com os vivos, através da lembrança de seus méritos pessoais e familiares, e principalmente através da exibição da mortalidade, que é um destino comum a todos.

³³ MÂLE, Émile. **L'art religieux au XIIIe siècle en France**. Étude sur l'iconographie du Moyen Âge et ses sources d'inspiration. Paris: Armand Colin, 1910.

Deste modo, Alice, a Duquesa de Suffolk, torna-se mais um entre todos que a contemplam, apenas mais um ser humano experimentando as dores da mortalidade, e lembrando constantemente a efemeridade da existência terrena, como um espelho a ser contemplado. Em seu epitáfio, ela apela pelas preces que lhe servirão de alento no Purgatório, mantendo viva a comunidade de trocas de favores entre os vivos e os mortos. Mesmo no sofrimento mostrado através da efígie macabra, ela ganha um conforto no Além através da pintura feita apenas para os seus olhos.

CONCLUSÃO

Por esta ser uma pesquisa inicial, nossa intenção aqui foi mais levantar questões do que fornecer respostas. Mesmo neste estágio de pesquisa, podemos observar que as tumbas cadáveres nos oferecem mais do que um testemunho artístico, elas são fontes importantes para a compreensão do homem diante da morte em um contexto específico. Também nos auxiliam a entender como as famílias nobres e os indivíduos se constituíam como elite e a relação delas perante a comunidade, pois estas tumbas capelas possuem função de status para os patronos e o papel de expiação para os espectadores, que através delas conseguiam oportunidade caritativa, orando pela alma do nobre, ao mesmo tempo que era um momento reflexivo sobre a mortalidade, e desse modo, sobre o viver (DRESSLER, 2008), finalizamos com uma colocação de Souza que diz que:

A arte funerária, ao contrário do que se pode pensar, abrange uma memória coletiva, corresponde a um objeto de amplos sentidos e de representação social. A visualização de fenômenos socioculturais na arte tumular foi a base de desenvolvimento deste estudo e conclui-se, a partir dele, que a arte funerária é muito mais que um elemento decorativo; é, sim, um meio de documentação históricossocial, que identifica a coletividade a que pertence (SOUZA, 2007, p. 10).

Concluindo, as tumbas transi se apresentam como uma fonte rica em possibilidades de análise, se apresentando como um importante fenômeno artístico, uma ocorrência memorial e, por fim, um sintoma cultural.

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, M. Alice Chaucer and Her Husbands. *PMLA*, v. 60, n. 1, p. 24-47, 1945.
- BADHAM, S. **Medieval Church and Churchyards Monuments**. Oxford: Shire Publications, 2014.
- CANDAU, J. **Antropologia de la Memória**. Buenos Aires: Del Sol, 2002.
- CANDAU, J. **La métamémoire ou la mise en récit du travail de mémoire**. Paris: Centre Alberto Benveniste, 2009.
- DOLEŽALOVÁ, L.; VISI, T. Revisiting Memory in the Middle Ages. In: DOLEŽALOVÁ, L. **The Making of Memory in the Middle Ages**. Leiden e Boston: Brill, 2010. p. 1-8.
- DRESSLER, R. Gender as Spectacle and Construct: The Gyvernay Effigies at St. Mary's Church, Limington. **Different Visions**, Nova York, 1, 2008. 1-24.
- GIBSON, G. M. **The Theater of Devotion: East Anglian Drama and Society in the Late Middle Ages**. Chicago: University of Chicago, 1989.
- GOFF, J. L. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1990.
- GOODALL, J. **God's House at Ewelme: life, devotion and architecture in 15th Century Almshouse**. Farnham: Ashgate Publishing, 2001.
- HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Rio de Janeiro: Vertice, 1990.
- HIGGINBOTHAM, S. The Indomitable Duchess: Alice Chaucer, Duchess of Suffolk, 2013. Disponível em: <<http://www.susanhigginbotham.com/blog/posts/the-indomitable-duchess-alice-chaucer-duchess-of-suffolk/>>. Acesso em: 13 Fevereiro 2017.
- HOLLADAY, J. A. Tombs and Memory: Some Recent Books. *Speculum*, v. 78, n. 2, p. 440-450, 2003.
- HORCH, C. **Der Memorialgedanke und das Spektrum seiner Funktionen in der Bildenden Kunst des Mittelalters**. Königstein: Langewiesche, 2001.
- JAMBECK, K. K. The Library of Alice Chaucer, Duchess of Suffolk: A 15th Century Owner of a Boke of le Citee de Dames. **The Profane Arts**, p. 106-135, 1998.
- KING, P. M. **Contexts of the Cadaver Tomb in Fifteenth Century England**. York: University of York, v. Tese de doutorado, 1987.
- LAMBORN, G. The Arms on the Chaucer Tomb at Ewelme. *Oxoniensia*, v. 5, p. 78-93, 1940.

NEUHAUSER, R. **The Early History of Greed: the sin of avarice in early medieval thought and literature.** Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

OEXLE, O. G. Memoria und Memorialüberlieferung im früheren Mittelalter. **Frühmittelalterliche Studien**, v. 10, p. 70-95, 1976.

OOSTERWIJK, S. Swaddled or Shrouded? The Interpretation of 'Chrysom' Effigies on Late Medieval Tomb Monuments. In: RUDY, K. M.; BAERT, B. **Weaving, Veiling, and Dressing: Textiles and their Metaphors in the Late Middle Ages.** Turnhout: Brepols Publishers, 2007. p. 307-348.

SCHMITT, J.-C. Imagens. In: GOFF, J. L.; SCHMITT, J.-C. **Dicionário Temático do Ocidente Medieval.** São Paulo: Edusc, v. 1, 2006. p. 591-605.

SOUZA, D. C. D. Arte tumular: uma expressão social por meio dos signos da morte. Disponível em:
<http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasletras/inicie/DeniseSouza.pdf>. Acesso em: 5 fevereiro 2017.

WATTS, J. **Henry VI and the Politics of Kingship.** Cambridge: Cambridge University Press, 2011.